Viso · Cadernos de estética aplicada

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 15, 2014

<http://www.revistaviso.com.br/>

Viso.

**Dois cubos e um analista:
figuras do objeto segundo Tania Rivera
ou a questão do sujeito
na arte contemporânea**

Cláudio Oliveira

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Niterói, Brasil

RESUMO

Dois cubos e um analista: figuras do objeto segundo Tania Rivera ou a questão do sujeito na arte contemporânea

“Esse artigo é uma réplica ao texto de Tania Rivera intitulado "O sujeito está na arte".

Palavras-chave: Lacan – espaço – sujeito – arte contemporânea

ABSTRACT

Two Cubes and a Psychoanalyst: Figures of the Object according to Tania Rivera or the Question about the Subject in Contemporary Art

This paper is a critical response to Tania Rivera's "The Subject is in Art".

Keywords: Lacan – space – subject – contemporary art

OLIVEIRA, C. “Dois cubos e um analista: figuras do objeto segundo Tania Rivera ou a questão do sujeito na arte contemporânea”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. VIII, n. 15 (jan-dez/2014), pp. 248-252.

DOI: 10.22409/1981-4062/v15i/189

Aprovado: 02.10.2014. Publicado: 31.01.2015.

© 2014 Cláudio Oliveira. Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR

Accepted: 02.10.2014. Published: 31.01.2015.

© 2014 Cláudio Oliveira. This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Um cubo de nove milímetros de lado numa sala vazia de pelo menos duzentos metros quadrados. Um cubo de seis pés de lado (aproximadamente 1,80m) em um espaço indeterminado. Um analista num consultório às costas de um analisante que fala.

Esses três objetos (Lacan nunca hesitou em pensar o analista como um objeto) produzem uma mudança na relação do sujeito com o espaço e com o lugar. Pois se trata também na psicanálise, como o demonstra com perfeição este ensaio¹ de Tania Rivera, de uma relação com o espaço, com o lugar, talvez até muito mais do que com o tempo (o inconsciente, diz Freud, não conhece o tempo e, nos lembra Tania, Freud sempre buscou uma compreensão topológica do inconsciente).

É daí, talvez, que adviria a força da relação entre a psicanálise e as artes visuais ou artes do espaço, bem como sua relação com a topologia, essa filha bastarda da geometria. Isso está claro, como também nos lembra Tania, naquela que Lacan considerou como a máxima freudiana que resumia toda a ética da psicanálise: *wo es war, soll ich werden*, onde isso estava, devo(e) eu advir, marcando que Lacan lê no *ich* freudiano, não o eu, mas o sujeito. Traduzindo, então, de novo: *onde isso estava, deve o sujeito advir*. Ora, trata-se sempre disso em tudo o que tem escrito Tania Rivera em seus ensaios sobre arte e psicanálise: como o sujeito advém aí, onde isso estava, onde estava uma obra de arte ou um analista. Os cubos de Cildo Meireles e de Tony Smith, assim como o analista, estão aí, para que o sujeito advenha. Mas, ao mesmo tempo, o sujeito só pode advir em uma certa experiência de modificação do espaço e do lugar que ele aí experimenta, e que corresponde, também, a uma passagem do eu ao sujeito, do imaginário ao real. Toda vez que o sujeito advém lá onde isso estava, quer isso seja uma obra de arte ou um analista, há simultaneamente uma desconstrução do espaço imaginário e de seu correspondente subjetivo: o eu. O cubo de seis pés de Tony Smith, analisado por Tania e que tem por título o imperativo *Die* (Morra), seria então um imperativo ético que falaria não da morte do sujeito, como se propalou em quase toda a filosofia contemporânea, mas da morte do eu. Toda a questão é saber o que é o sujeito se ele não é um eu. É essa a questão que Tania Rivera tem perseguido em todas as suas investigações sobre a arte contemporânea. Daí o título não só do dvd que acompanha seu livro, *O avesso do imaginário*: “Ensaio sobre o sujeito na arte contemporânea brasileira”, como também o título do outro livro que publicou em 2012: *Hélio Oiticica e a Arquitetura do Sujeito*.²

Se retomarmos a máxima freudiana, à luz das investigações de Tania, poderíamos dizer: lá onde uma obra de arte estava, deve um sujeito advir. O que faz com que fique claro que não se trata, na relação entre uma obra de arte e um sujeito, de qualquer relação estética. A máxima de Freud, que segundo Lacan resume toda a ética da psicanálise, faz com que entendamos que, na relação entre obra de arte e sujeito, trata-se de ética. Poderíamos até mesmo arriscar que se trata também, de algum modo, na arte, disso que chamamos de clínica: uma clínica estendida, é claro, assim como Lacan chamou um dia de “psicanálise em extensão” algo que ele diferenciou do que chamou de “psicanálise em

intensão”, o trabalho propriamente clínico psicanalítico. A leitura que Tania nos propõe da arte põe o analista na série de objetos que investiga, seguindo nisso Lacan. Então, de modo correspondente, poderíamos falar de uma “clínica em extensão” no campo da arte, se é que, nela, o que está em questão é o sujeito, como quer Tania Rivera. Mas o que é o sujeito ou, talvez, melhor, qual é o seu lugar? É precisamente isso que Tania chama de “avesso do imaginário”. É um lugar de resposta, de efeito do real instaurado pelo analista, em sua objetividade, mas também pelas obras de arte que encontramos em *settings* não necessariamente analíticos mas clínicos em sentido estendido, em todo caso. As obras, como o analista, produzem uma modificação topológica do espaço no qual um sujeito advém. Nesse sentido, entendemos o paralelo que Tania faz entre uma obra de Cildo Meireles e a instauração do espaço analítico. A obra de Cildo, *Estudo para espaço*, consiste apenas num texto datilografado sobre o papel:

Estudo para área: por meios acústicos (sons). Escolha um local (cidade ou campo), pare e concentre-se atentamente nos sons que você percebe, desde os próximos até os longínquos.

Poderíamos pensar, em correspondência, numa outra obra de arte, que consistiria também apenas num texto datilografado sobre o papel, onde estivesse escrito:

deite num divã, de costas para um analista, e fale o que lhe vier à mente, qualquer coisa.

Essa obra de arte, nós o sabemos, é a regra áurea da psicanálise, a associação livre. Mas para que ela se dê é necessária uma certa modificação espacial, a constituição de um *setting*: deitado no divã, de costas para o analista, o que ali se dá não é um diálogo, uma relação intersubjetiva, mas a produção de um efeito-sujeito que fala causado pela presença desse objeto não especular que se coloca às suas costas e que pode, eventualmente, também falar. Se o homem foi definido por Aristóteles como um animal que fala, poderíamos definir o analista como um objeto que fala ou que eventualmente fala ou pode falar. Como nos diz Tania, “é necessário que o analista, um pouco como o *Cruzeiro do Sul* (o cubo de Cildo Meireles), seja o suporte do objeto a”.³

* Claudio Oliveira é professor associado do Departamento de Filosofia da UFF.

¹ RIVERA, T. “Cruzeiro do Sul e o avesso do imaginário”. In: *O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. pp. 152-173.

² RIVERA, T. *Hélio Oiticica e a arquitetura do sujeito*. Niterói: EdUFF, 2012.

³ RIVERA, T. “Cruzeiro do Sul e o avesso do imaginário”. Op. cit., p. 163.